

A importância da Educação Feminista no Espaço Escolar

The Importance of Feminist Education in the School Environment

Nayara Martins Costa ¹, Keila Andrade Haiashida ²

1 0000-0002-8416-7793, Universidade Estadual do Ceará, nayara.martins@aluno.uece.br, 2 0000-0003-3700-9589, Universidade Estadual do Ceará, keila.haiashida@uece.br

RESUMO

Este relato de experiência enfatiza a importância do ensino do feminismo na educação básica, evidenciando como práticas pedagógicas feministas beneficiam tanto homens quanto mulheres. A vivência como professora e diretora na Escola de Educação Profissional Lucas Emmanuel Lima Pinheiro, em Iguatu, possibilitou perceber a necessidade de abordar questões de gênero e violência simbólica no ambiente escolar. O objetivo geral deste relato foi inserir a leitura de obras da autora Chimamanda Ngozi Adichie, em sala de aula como forma de combater a desigualdade de gênero e promover o empoderamento feminino. Por meio de encontros semanais e discussões sobre obras de autoras feministas, os alunos foram estimulados a refletir sobre dinâmicas de poder e relações de gênero. O projeto "Feminismo e Sororidade: Cicatrizes que Transbordam Lutas" buscou empoderar as alunas e conscientizar os alunos sobre desigualdades de gênero, promovendo um ambiente de respeito e colaboração. Os resultados revelaram uma mudança significativa nas interações entre meninos e meninas, com aumento do respeito mútuo e maior participação das meninas nas atividades escolares, ressaltando a importância de uma educação que promova a igualdade de gênero.

Palavras-chave. Feminismo; Educação; Igualdade de Gênero; Empoderamento.

ABSTRACT

This experience report emphasizes the importance of teaching feminism in basic education, highlighting how feminist pedagogical practices benefit both men and women. My experience as a teacher and principal at the Lucas Emmanuel Lima Pinheiro Professional Education School in Iguatu made it possible to see the need to address issues of gender and symbolic violence in the school environment. The main goal of this report was to introduce the works of Chimamanda Ngozi Adichie into the classroom as a way of combating gender inequality and promoting female empowerment. Through weekly meetings and discussions on works by feminist authors, the students engaged in reflections on power dynamics and gender relations. The project "Feminism and Sorority: Scars that Overflow Struggles" sought to empower the students and raise awareness of gender inequalities, promoting a respectful and collaborative environment. The results revealed a significant change in interactions between boys and girls, with an increase in mutual respect and increased participation of girls in school activities, highlighting the importance of an education that promotes gender equality.

Keywords. Feminism; Education; Gender Equality; Empowerment.

1. INTRODUÇÃO

A trajetória de uma das autoras na Rede Estadual de Ensino, foi iniciada em 2008 e possibilitou uma imersão profunda no cotidiano escolar, primeiramente como professora substituta e, desde 2015, como docente efetiva na Escola de

Educação Profissional Lucas Emmanuel Lima Pinheiro, situada em Iguatu, Ceará. Durante esses anos, a atuação em uma instituição de tempo integral permitiu acompanhar de perto as complexas dinâmicas sociais que se desenrolam nesse ambiente, observando como os estudantes se organizam em grupos, constroem suas relações interpessoais e interagem com o corpo docente e os demais funcionários. Essas interações são ricas em significados e revelam as nuances do desenvolvimento emocional e social dos jovens.

Ao longo desse período, também foi possível testemunhar o início do processo de descoberta da sexualidade entre os estudantes, com todas as suas manifestações de desejos, afetos, decepções e certezas momentâneas. Essas experiências são fundamentais para compreender como os jovens constroem suas identidades e como essas construções impactam suas vivências no ambiente escolar (Hooks, 2021). A escola, enquanto espaço de convivência, é um microcosmo onde questões de gênero, poder e identidade se entrelaçam de maneira intensa, moldando as experiências e as interações diárias dos alunos (Freire, 1996).

Mais do que simples observação, a prática pedagógica tem sido continuamente informada e enriquecida por essas vivências. A percepção de como os estudantes se reconhecem como sujeitos de direitos, capazes de reivindicá-los e lutar contra sua negação, tem sido crucial para atuação em sala de aula e para o desenvolvimento de projetos educativos que buscam empoderar esses jovens. Essa experiência prática não só fortaleceu a conexão com o objeto de pesquisa, mas também aprofundou o entendimento sobre as realidades que cercam o ambiente escolar, especialmente no que tange à formação integral dos estudantes e à promoção de uma educação mais equitativa e inclusiva.

Desse modo, o objetivo geral do relato em tela foi inserir a leitura de obras da autora Chimamanda Ngozi Adichie, em sala de aula como forma de combater a desigualdade de gênero e promover o empoderamento feminino. A metodologia adotada para este estudo foi o relato de experiência.

2. MÉTODO

Um relato de experiência é uma forma de compartilhar vivências práticas, refletindo sobre ações realizadas e os resultados obtidos (Freire, 2013). Ele se caracteriza por descrever situações concretas e o impacto das intervenções no ambiente em que ocorreram, destacando o aprendizado e as lições que podem ser extraídas dessas experiências (Freire, 2013). Ao conectar teoria e prática, o relato permite uma análise crítica das estratégias utilizadas e dos desafios enfrentados, contribuindo para o aprimoramento da prática profissional.

A experiência no chão da escola de uma das autoras como professora e diretora de turma e da outras como supervisora de estágio e coordenadora do Programa Residência Pedagógica permitiu uma visão clara sobre como as questões de gênero influenciam a convivência das pessoas. Uma das observações mais marcantes na carreira como educadora tem sido a forma como as adolescentes/mulheres estudantes são tratadas pelos adolescentes/homens estudantes. Pesquisadores renomados como Butler (2021), Beauvoir (1967), Scott (1986), e Hooks (2000; 2018; 2021) têm dedicado suas carreiras ao estudo e análise das questões de gênero. Suas contribuições têm sido fundamentais para a compreensão dos mecanismos sociais que moldam as identidades de gênero e as relações de poder. Como destaca Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 09), sugerindo que as construções sociais e

culturais são responsáveis por moldar o que significa ser mulher, influenciando as dinâmicas de poder e as interações entre homens e mulheres.

A citação de Simone de Beauvoir "não se nasce mulher, torna-se mulher" sublinha a ideia de que a identidade de gênero é uma construção social e cultural, mais do que uma simples questão biológica. Em seu clássico trabalho "O Segundo Sexo", Beauvoir (1967) argumenta que a mulher é moldada por uma sociedade patriarcal que define e limita o que significa ser mulher. Essa construção social influencia diretamente as relações de poder, tanto nas esferas públicas quanto nas privadas, incluindo o ambiente escolar.

No contexto da escola, essa construção social se manifesta na forma como os estudantes homens tratam as estudantes mulheres, muitas vezes perpetuando estereótipos e práticas opressoras. A observação de que as adolescentes/mulheres são frequentemente submetidas a atitudes discriminatórias e desrespeitosas reflete a internalização dessas normas sociais. Assim, as identidades de gênero são constantemente reafirmadas e desafiadas dentro do espaço escolar (Hooks, 2018).

A citação de Beauvoir (1967) também nos convida a refletir sobre o papel da educação na desconstrução dessas identidades de gênero impostas. Ao reconhecer que a identidade feminina é um produto da socialização, educadores têm a oportunidade de criar ambientes que questionem e reconfigurem essas normas, promovendo um espaço onde meninas e mulheres possam desenvolver suas identidades de forma autêntica e livre de opressões.

Em fevereiro de 2019, uma das autoras assumiu o cargo de Professora Diretora de Turma (PDT) na E.E.E.P Lucas Emmanuel Lima Pinheiro. O Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT) visava fortalecer o papel do professor como mediador entre a instituição escolar, os alunos e suas famílias. O objetivo geral do

projeto foi proporcionar um acompanhamento mais individualizado e próximo dos alunos, buscando garantir um ambiente escolar mais acolhedor, estimulante e propício ao aprendizado e ao desenvolvimento pessoal de cada estudante. Durante as aulas de Formação Cidadã, observou-se que, nas discussões sobre temas como racismo, homofobia, sexismo ou feminismo, as alunas apresentavam uma participação diminuta. Quando elas se manifestavam, eram frequentemente silenciadas pelos colegas do sexo masculino.

Para compreender melhor a extensão do problema, foi realizada uma série de conversas com outros professores da escola, a fim de verificar se este comportamento se repetia em outras disciplinas. Essas conversas apontaram que o padrão de comportamento persistia em diferentes contextos escolares. Com base nessas informações, decidiu-se tomar medidas que pudessem abordar diretamente essas questões.

A identificação de padrões de comportamento que reforçam estereótipos e perpetuam desigualdades é um passo crucial para a formulação de estratégias eficazes de intervenção (Adiche 2017). Reconhecendo a urgência e a relevância de tratar dessas questões, foi desenvolvido e implementado intervenções pedagógicas específicas voltadas para a sensibilização e conscientização dos estudantes acerca dessas desigualdades e suas implicações nas relações interpessoais e no ambiente escolar. A próxima seção detalhará essas intervenções, discutindo suas metodologias, objetivos e os resultados observados ao longo do tempo.

2.1 Intervenções Implementadas

Reuniões com as Alunas: Foram organizados encontros exclusivos com as alunas para que elas pudessem compartilhar suas experiências e preocupações

em um ambiente seguro. Durante essas conversas, surgiram relatos significativos sobre situações desconfortáveis, incluindo abordagens indesejadas e comentários sexistas. Essas reuniões foram fundamentais para entender o impacto dessas dinâmicas no ambiente escolar, permitindo uma intervenção mais direcionada e sensível às necessidades das estudantes.

Formação de Grupos de Leitura: Para aprofundar o entendimento sobre questões de gênero, foram introduzidos dois livros de Chimamanda Ngozi Adichie: *Sejam Todos Feministas* (Adichie, 2015) e *Para Educar Crianças Feministas* (Adichie, 2017), como base para discussões semanais. Os grupos de leitura proporcionaram às alunas um espaço seguro para explorar temas como feminismo, racismo, patriarcado, estereótipos de gênero e sexismo. Por meio da observação, essas discussões não apenas ampliaram a compreensão das estudantes sobre essas questões, mas também fortaleceram o senso de comunidade e sororidade entre elas.

Aulas de Formação Cidadã: Durante as aulas de Formação Cidadã, foram dedicados dois meses, o equivalente a oito aulas ao estudo aprofundado de temas como racismo, homofobia, sexismo e feminismo. Essas aulas foram abertas a todos os estudantes, tanto meninos quanto meninas, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e crítico. A abordagem multidisciplinar ajudou a desconstruir preconceitos e a fomentar uma maior empatia e compreensão mútua entre os alunos.

Expansão do Projeto: O projeto intitulado "Feminismo e Sororidade: Cicatrizes que Transbordam Lutas" foi além das expectativas iniciais, sendo apresentado na Feira de Ciências Regional da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 16), na qual foi premiado e selecionado

para a Feira de Ciências Estadual. Com o sucesso, o projeto foi expandido para envolver a comunidade local, organizando discussões e atividades que transcenderam os limites da escola, engajando um público mais amplo e promovendo uma cultura de respeito e igualdade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a implementação dessas iniciativas, observamos uma mudança significativa no comportamento e nas atitudes dos estudantes. Os meninos passaram a mostrar mais respeito e compreensão em relação às questões de gênero, enquanto as meninas ganharam confiança e força para expressar suas opiniões e experiências. Como afirma Judith Butler, "os gêneros não são algo que temos, mas algo que fazemos" (Butler, 2021, p. 17), destacando que essas transformações refletem novas maneiras de "fazer" gênero dentro do ambiente escolar.

Participação em Aulas: Nas aulas de Formação Cidadã, as alunas começaram a participar mais ativamente das discussões, sentindo-se à vontade para compartilhar suas perspectivas, cientes de que suas vozes seriam ouvidas e respeitadas. Essa mudança reflete a ideia de Beauvoir (1967), que enfatiza que a construção da identidade feminina é um processo social e educacional, indicando que a confiança e a força adquiridas pelas alunas são resultado desse processo.

Convivência Harmoniosa: As equipes formadas para atividades em sala de aula passaram a ser mistas, promovendo uma convivência mais respeitosa entre meninos e meninas. As meninas, que antes se sentiam desconfortáveis, começaram a participar ativamente das aulas de educação física e outras atividades escolares. Nesse contexto, Hooks (2000) destaca que a educação é um caminho poderoso

para a libertação, transformação e justiça, ressaltando o impacto positivo do projeto na comunidade escolar e a importância de abordar as questões de gênero na educação.

Empoderamento das Alunas: O projeto proporcionou um espaço para que as alunas discutissem e refletissem sobre suas experiências, manifestando um empoderamento visível tanto na sala de aula quanto em suas interações diárias. Scott (1986) argumenta que a categoria de gênero é fundamental para entender as relações de poder e as dinâmicas sociais, evidenciando a necessidade de uma abordagem crítica dessas questões para superar os desafios e resistências enfrentados.

Desafios e Resistências: As pesquisadoras enfrentaram desafios dentro da própria escola, especialmente por parte de algumas pessoas que inicialmente não aprovaram a iniciativa. Foi necessário explicar e convencer essas pessoas de que o objetivo não era incentivar divisões ou rivalidades, mas promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo e respeitoso. Essa situação é refletida na perspectiva de Butler (2021), que argumenta que os gêneros não são algo fixo, mas construídos socialmente, o que implica que a resistência a iniciativas de equidade de gênero pode ser um reflexo das normas sociais estabelecidas.

Impacto na Comunidade Escolar: O projeto ganhou destaque entre os alunos e funcionários da escola. A adesão aos encontros aumentou, e muitos alunos passaram a se engajar ativamente nas discussões e atividades. Isso criou uma comunidade escolar mais consciente e comprometida. Nesse sentido, Hooks (2018) destaca que a educação deve ser vista como uma ferramenta poderosa para a transformação social, enfatizando a importância de um ambiente onde todos se sintam valorizados e respeitados.

Reconhecimento e Expansão: O reconhecimento estadual do projeto trouxe uma visibilidade significativa, legitimando a importância de estudar essas questões na escola e incentivando outras escolas a adotarem iniciativas semelhantes. Por fim, Adichie (2015) reafirma que todos devemos ser feministas, sublinhando a relevância de envolver a todos (alunos, alunas e comunidade escolar) nas discussões sobre igualdade de gênero.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação do projeto "Feminismo e Sororidade: Cicatrizes que Transbordam Lutas" na Escola de Educação Profissional Lucas Emmanuel Lima Pinheiro foi um passo crucial para responder ao problema de pesquisa que buscava compreender como as dinâmicas de gênero impactam as relações interpessoais no ambiente escolar. Os resultados positivos obtidos demonstraram uma transformação nas atitudes e comportamentos dos estudantes, promovendo um ambiente mais harmonioso e respeitoso, além de reforçar a relevância da discussão sobre gênero na educação.

O reconhecimento estadual do projeto destaca a importância de abordar questões de gênero de forma sistemática e integrada no currículo escolar. Embora tenham enfrentado desafios, como a resistência inicial de alguns membros da comunidade escolar, isso ressaltou a necessidade de uma abordagem contínua e sustentada para promover igualdade. Essa resistência enfatiza a importância de incluir os educadores no estudo e na discussão sobre a temática, pois sua formação e conscientização são fundamentais para que possam atuar de forma eficaz na promoção de um ambiente mais equitativo.

A capacitação dos professores para lidar com questões de gênero não apenas os torna agentes de mudança, mas também ajuda a criar uma cultura

escolar que valoriza a diversidade e o respeito mútuo. Portanto, o fortalecimento da formação docente é uma necessidade premente para enfrentar preconceitos e garantir que as discussões sobre gênero se tornem parte da prática educativa cotidiana.

A experiência dos estudantes, evidenciada pelas mudanças observadas em suas interações, comprova que, com o suporte adequado e intervenções formativas, é possível cultivar um ambiente escolar mais inclusivo e justo. Este projeto exemplifica como a educação pode ser uma ferramenta poderosa, e amorosa, para a transformação social. Ao criar espaços seguros e críticos para o diálogo sobre questões de gênero, conseguimos incentivar os estudantes a refletirem sobre suas experiências e a aprenderem uns com os outros. Conforme Bell Hooks afirma: “A educação é um ato de liberdade, e só é eficaz quando se torna um espaço seguro e criativo, onde os indivíduos possam se engajar criticamente com o mundo ao seu redor” (Hooks, 2021 p. 134).

Assim, reafirmamos a necessidade de continuar investindo em iniciativas que promovam a equidade e a sororidade, contribuindo para uma sociedade mais equilibrada e imparcial. A educação, portanto, deve ser vista não apenas como um meio de transmissão de conhecimentos, mas como um agente ativo na construção de relações sociais mais justas, que, de acordo com Paulo Freire:

A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo. A educação é um ato de amor, portanto, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a polêmica, o desafio, a crítica. Não pode, pois, a educação se silenciar. (Freire, 1996, p. 82).

Esse pensamento freiriano nos convida a refletir sobre o papel dos educadores como mediadores de mudanças sociais. A partir do momento em que os professores se tornam conscientes das dinâmicas de poder que permeiam o ambiente escolar, eles podem desafiar as normas estabelecidas e criar um espaço propício para o diálogo e a crítica construtiva.

É por meio desse processo que a educação se transforma em uma ferramenta eficaz de empoderamento, permitindo que estudantes desenvolvam não apenas habilidades acadêmicas, mas também uma consciência crítica que os prepare para lutar por uma sociedade mais justa. Portanto, investir na formação contínua de educadores em temas como gênero, equidade e direitos humanos é fundamental para consolidar uma prática pedagógica que verdadeiramente transforme indivíduos e, conseqüentemente, a sociedade.

5. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone. (1967). **O Segundo Sexo** (3ª ed., Vol. 2). Difusão Europeia do Livro.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

HOOKS, Bell. **A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (2013) pela Faculdade Kurios, graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa com suas Respectivas Literaturas (2011) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE - FECLI) e mestranda pela UECE, no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL).

Autor 2. Doutora em Geografia (UECE), Mestra em Educação (UFC), Graduada em Pedagogia (UFC), Graduanda em Psicologia (UNINASSAU). Professora Adjunta da FECLESC/UECE, Professora Permanente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras e Professora Permanente do Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE).

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

COSTA, N. M.; HAIASHIDA, K. A. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NO ESPAÇO ESCOLAR. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, v. 6, p. 1-13, 2024.

Submetido em: 30/08/2024

Revisões requeridas em: 19/09/2024

Aprovado em: 10/10/2024